



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

DIOGO GABRIEL MOURA OLIVEIRA

SURGIMENTO E MANUTENÇÃO DA CENA METAL UNDERGROUND EM
CARUARU: O METAL NA CAPITAL DO FORRÓ

Recife
2025

DIOGO GABRIEL MOURA OLIVEIRA

**SURGIMENTO E MANUTENÇÃO DA CENA METAL UNDERGROUND EM
CARUARU: O METAL NA CAPITAL DO FORRÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de Licenciatura em História como requisito
para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr Uiran Gebara da Silva

RECIFE

2025

Resumo:

O artigo em questão investiga o surgimento e a consolidação da cena metal *underground* em Caruaru, em Pernambuco. A cidade se destaca no âmbito nacional como a capital do forró, mas que foi um berço para o surgimento de uma cultura alternativa. Tendo a década de 1980 como ponto de partida, e o emblemático show do *Sepultura* no ano de 1987, que impulsionou a abertura de lojas especializadas, fundação de bandas e locais de encontro para os headbangers da cidade. A pesquisa se deu principalmente em base documentais, análises de entrevistas e relatos e registros audiovisuais, revelando como personagens como Moisés Discos e Erivaldo da Metalmorphose, e bandas como a *Storms*, *Nekrófago*, *Extreme Death* e *Psych Acid* foram responsáveis por construir uma identidade contracultural no interior de Pernambuco. Foi possível compreender a formação dessa identidade através da indumentária produzida pelos membros como forma de se expressar. Com um mapeamento da cena, pode-se notar como o *underground* é um ambiente rico em cultura, solidamente estruturado e historicamente importante no cenário nacional e regional.

Palavras-chave: *Heavy Metal*, Caruaru, *Underground*, Contracultura

Abstract:

This article investigates the emergence and consolidation of the underground metal scene in Caruaru, Pernambuco. The city stands out nationally as the capital of forró, but it was also a cradle for the emergence of an alternative culture. The starting point was the 1980s, and the emblematic show by Sepultura in 1987, which led to the opening of specialized stores, the founding of bands and meeting places for the city's headbangers. The research was mainly based on documents, analysis of interviews and reports and audiovisual records, revealing how figures such as Moisés Discos and Erivaldo from Metalmorphose, and bands such as Storms, Nekrófago, Extreme Death and Psych Acid, were responsible for building a countercultural identity in the interior of Pernambuco. It was possible to understand the formation of this identity through the clothing produced by the members as a way of expressing themselves. By mapping the scene, it can be seen that the underground is an environment rich in culture, solidly structured and historically important in the national and regional scenario.

Keywords: *Heavy Metal*, Caruaru, *Underground*, Counterculture

1. Introdução

Durante a década de 1980, o mundo vivia a efervescência gerada pelo *heavy metal*, a música mais pesada invadia as terras brasileiras, fomentada pelas mídias da época como televisão, rádio e revistas. A música pesada se espalhava pelo globo a todo vapor, com a difusão do som das bandas mais conhecidas da época, como *Iron Maiden*, *Black Sabbath*, *Metallica*, *Slayer* e mais uma infinidade de nomes que poderiam ser citados. Para Christie, o *heavy metal* tem a sexta-feira 13 de fevereiro de 1970 como data de fundação, neste dia foi lançado o primeiro e autointitulado disco da banda inglesa *Black Sabbath*.(Christie, 2013),

A partir desse marco, a produção fonográfica do *heavy metal* e de seus subgêneros teve uma explosão durante as décadas seguintes, e consequentemente essas produções chegaram ao Brasil. O ano de 1985 foi histórico para os fãs de *heavy metal* brasileiros, foi neste ano que o empresário Roberto Medina realizou a primeira edição do Rock In Rio, o primeiro grande evento a reunir os grandes nomes do *rock* e metal da época em um único lugar no Brasil. Dos dias 11 a 20 de janeiro daquele ano, uma série de artistas se apresentaram no palco da Cidade do Rock, com destaque para nomes como Ozzy Osbourne, vocalista do *Black Sabbath* que naquele momento estava em carreira solo, *Whitesnake*, *Iron Maiden* e *Queen*, além de grandes nomes nacionais, destacando Rita Lee, Gilberto Gil e Ney Matogrosso.

O festival teve um impacto mundial, e notavelmente a repercussão dentro do país foi imensa, levando legiões de fãs de todas as regiões do território para o Rio de Janeiro, para verem de perto seus artistas favoritos. E os pernambucanos também marcaram presença no evento e os que não puderam comparecer, acompanharam pela transmissão da Rede Globo, que cobriu todo o evento. Moises Nascimento relata no documentário produzido por Wilfred Gadêlha, “**Pesado - Que Som É Esse Que Vem de Pernambuco?**” que o Rio In Rio abriu as portas do metal para o Brasil, a partir daí o movimento *headbanger* só cresceu. Com isso o consumo e produção de metal foi impulsionada em todo o Brasil e consequentemente em Pernambuco.

No início da década de 1980, já havia uma cena pequena em números porém que já se encaminhava para a consolidação no estado de Pernambuco, o consumo de *rock* já era expressivo, mas os jovens buscavam um som cada vez mais pesado. Seguindo essa tendência, os caruaruenses sentiam a necessidade de consumir um som mais pesado. Na segunda metade

da década, os *headbangers*¹ de Caruaru testemunharam um show antológico na cidade do interior do estado, era o *Sepultura*, banda mineira que se tornaria a maior banda de metal brasileira, mas que naquela época ainda estava nos anos iniciais de sua carreira. Esse foi o estopim para o início de uma das cenas mais ativas de metal do estado, a partir daí o gênero estava instalado na capital do agreste pernambucano.

Diante disso e tomando os conceitos desenvolvidos por Peter Burke(2004) sobre a história cultural, esse trabalho se propõe a trazer um histórico sobre como se desenvolveu a música pesada *underground* na cidade de Caruaru. Trazendo a tona personagens que tem uma importância crucial nessa cena musical, e que até hoje tem seu reconhecimento dentro e fora da cena, refletindo o chamado “espírito *underground*”. E como fontes foram usados os relatos colhidos por jornalistas com os participantes dessa rica cena.

O metal underground pode ser compreendido como uma manifestação de contracultura ao se estruturar em torno de códigos simbólicos que desafiam normas estéticas, comportamentais e ideológicas dominantes. Para Hebdige (2018), as subculturas juvenis operam como “interferências” na comunicação social padrão, utilizando o estilo como forma de resistência simbólica. No caso do *heavy metal*, essa resistência se expressa não apenas através da música pesada e agressiva e da estética sombria, mas também na forma de circulação cultural, nos espaços em que se apresenta e nas comunidades que organiza. A cultura metal, sobretudo em suas formas mais extremas e no *underground*, se distancia dos valores da cultura dominante e assume uma postura crítica frente à normatividade social, produzindo significados alternativos que rompem com o senso comum.

No contexto brasileiro, essa lógica é analisada com profundidade por Leonardo Carbonieri Campoy, ao investigar a cena do metal extremo underground. Segundo o autor, o underground funciona como um sistema social autogerido, onde bandas, produtores e público constroem redes de solidariedade e colaboração baseadas em princípios de resistência à lógica do mercado e à cultura de massa. Para compreender a dinâmica das bandas e consequentemente da produção de shows na cena *underground* de Caruaru, é preciso compreender o conceito o que é desenvolvido por Leonardo Campoy:

Na prática do underground quem organiza toda a estrutura de um show são os próprios músicos. Da divulgação ao controle de vendas de ingressos

¹ Termo utilizado para se referir aos fãs de Heavy Metal, originado da prática de balançar vigorosamente a cabeça ao som da música, gesto característico durante shows ou enquanto se aprecia o gênero.

passando pela montagem do palco, são responsabilidades dos integrantes das bandas. (...) No underground heavy metal a divulgação é feita em dois veículos principais: cartazes e panfletos, e no boca-a-boca. (CAMPOY, 2006, p. 43).

2. Sepultura Marca o Nascimento

Caruaru é conhecida mundialmente como a Capital do Forró e abriga uma das maiores feiras ao ar livre do Brasil: a Feira de Caruaru. Essa feira, que remonta ao final do século XVIII, foi oficialmente reconhecido e inscrito como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN em 2006, com revalidação do título em 2021. A cidade está localizada no agreste pernambucano, na região do planalto da Borborema.(Iphan, 2021)

Além de se destacar como um relevante polo comercial de Pernambuco, Caruaru também ocupa posição de destaque como centro cultural de projeção nacional, atraindo milhares de visitantes ao longo do ano. O auge desse movimento ocorre durante as festas juninas, quando a expressão da cultura popular nordestina alcança seu ponto máximo. No entanto, as manifestações culturais do município se estendem para além desse período, mantendo-se vivas em diferentes épocas do ano.

Caruaru é uma cidade multicultural. O município é palco para muitos artistas, dos mais diversos segmentos, como nas artes plásticas, através das esculturas de barro que ficaram muito famosas pelas mãos do ceramista Mestre Vitalino. A música também fez parte da história e da construção cultural de Caruaru, com nomes como Azulão, o grupo Os Brasileiros, o compositor Onildo Almeida e o famoso Rei do Baião, Luiz Gonzaga, que, embora não seja natural de Caruaru, cultivou uma profunda relação com a cidade ao longo de sua carreira. Há também uma forte cultura popular na cidade, como o teatro de mamulengos do Mestre Sebá (Sebastião Alves Cordeiro Filho), o Mamu Sebá, e a tradição do repente e dos repentistas, que é reconhecida pelo Iphan como Patrimônio Cultural do Brasil. Segundo o Ministério da Cultura, “há registros da prática do Repente desde meados do século XIX nos estados de Pernambuco e Paraíba, especialmente em regiões como o Sertão do Pajeú e a Serra do Teixeira” (BRASIL, 2021).

Após essa contextualização histórica e cultural da cidade, voltamos o olhar para a década de 1980 onde essa multiculturalidade que permeia a cidade aparentemente não permitiria que Caruaru não fosse impactada pelo gênero em ascensão na época, o *heavy metal*. O jornalista Wilfred Gadêlha afirma que no final do ano de 1984, a cidade, assim

como todo o Brasil foi surpreendida com o anúncio que mudou os rumos da música pesada no país, no início do ano seguinte iria acontecer o festival que foi divulgado como o maior festival de música de todos os tempos, o Rock in Rio(Gadêlha, 2018, p. 51).

A repercussão foi imediata, os fanáticos do gênero de todos os lugares do país, e de outros países, se mobilizaram para comparecer ao grande evento, da maneira que deu. Há relatos de pessoas indo de carro, de ônibus em longos trajetos, e quem pôde foi de avião. De Vitória de Santo Antão, Cristóvão Rock, como é conhecido uma espécie de guru da juventude roqueira da cidade, saiu do interior pernambucano em um Chevette rumo ao Rio de Janeiro, e voltou de lá com a vontade de produzir algo na sua cidade.

Nós três fomos de chevette. Tiramos dois dias de viagem até lá: saímos na quarta feira, 9 de janeiro, de manhã, e chegamos lá na sexta, dia 11, no primeiro dia .Já tinham esgotado os ingressos. Ainda bem que tínhamos comprado aqui, parceladamente em seis meses. Os meninos ficaram lá e eu vim embora de carona para casa. Quando cheguei aqui pensava que tinha que fazer algo inspirado num evento como aquele.(Gadêlha, 2018, p. 53-54)

Tendo dimensão do quanto o *heavy metal* estava se espalhando e movimentando toda a cena *headbanger* do estado, Caruaru logo seguiu a mesma direção e estava fomentando cada vez mais sua cena. Uma das primeiras movimentações que houve na cidade nesse sentido foi a abertura de uma loja de discos especializada em material pesado, no ano de 1986 abria a *Blasfêmia*, um estabelecimento que por pouco mais de um ano que esteve funcionando no centro da cidade, foi o ponto de encontro dos metaleiros² caruaruenses(Gadêlha, 2018, p. 58). O proprietário, segundo relatos, era conhecido como "Biu" e conseguiu prover um pouco das demandas que os jovens caruaruenses, que buscavam algo mais pesado, procuravam na época.

Contudo, a inserção real de Caruaru como pólo consumidor, e sobretudo produtor de música pesada, veio no ano seguinte, com um show antológico do *Sepultura*, a maior banda de metal do Brasil,e considerada como um dos nomes mais relevantes do mundo no campo do *death/thrash metal*³.

Numa das viagens do jovem caruaruense Wolney Queiroz Maciel ao Recife em busca de novidades musicais, ele comprou o primeiro disco do *Sepultura*, o *Morbid Visions*(1986)

² Metaleiro é como são conhecidos o fãs de *heavy metal* no Brasil, tem o mesmo sentido de Headbanger

³ é um subgênero do metal extremo que combina elementos do *death metal* e do *thrash metal*. Ele se caracteriza por um som rápido e pesado, com guitarras distorcidas e vocais guturais que é característico do *death metal* e andamentos acelerados com influências do *thrash metal*.

na famosa loja especializada da cidade, a *Mausoleum*(Gadêlha, 2018, p.199). No encarte do vinil estava o telefone de contato para shows, e após uma conversa com a mãe dos integrantes fundadores da banda, Max e Iggor Cavaleira, que à época tinham 17 e 16 anos respectivamente, foi contratado o show que seria o primeiro do *Sepultura* no Nordeste Brasileiro.

O show tido como improvável foi uma verdadeira apresentação no estilo mais *underground* possível. A banda enfrentou 48 horas de viagem a bordo de um ônibus de Belo Horizonte em Minas Gerais até Caruaru, e já na rodoviária veio a primeira surpresa, a pouca idade do produtor do evento, Wolney a época tinha apenas 14 anos, mas era filho do prefeito da cidade naquele ano(Gadêlha, 2018, p. 199). A banda ficou hospedada em um hotel da cidade, o hotel Centenário, que foi fruto de uma parceria de patrocínio do evento. A divulgação do evento foi feita através de cartazes que foram circulando nas lojas da cidade, e enviados através dos correios por meio de fanzines, além da difusão entre os encontros em lojas de cidades vizinhas.

Figura 1. Cartaz de divulgação do show do Sepultura em Caruaru-PE, exposto na MetalMorphose Skate Rock Shop



Fotografia por: Diogo Gabriel Moura Oliveira, 14 de janeiro de 2025

Durante a hospedagem da banda antes do show, a banda se integrou a cena caruaruense, os fãs visitaram e interagiram com os músicos no próprio hotel e em restaurantes, Max Cavaleira chegou a ser levado para a casa de Moisés Nascimento, conhecido como Moisés Discos, uma espécie de guru do *rock* caruaruense. Moisés começou como um colecionador assíduo de discos quando foi apresentado ao *rock* com 14 anos de idade, trabalhava consertando aparelhos eletrônicos(televisores, rádios e sistemas de som) com seu pai em uma loja. A loja virou um ponto de encontro dos ouvintes de música pesada de Caruaru, para o desagrado do pai de Moisés, pois esses cabeludos vestidos de preto afastavam os fregueses e atrasavam os trabalhos, pois Moisés parava para conversar. (Gadêlha, 2018, p. 57)

Chegado o tão esperado dia do show, 30 de maio de 1987, a data que marcou a cena da música pesada em Caruaru. O dia começou cedo nos arredores do Teatro João Lyra Filho, ainda pela manhã começaram a chegar os ônibus que vieram das cidades próximas, e a venda de ingressos ficou por conta do produtor Wolney Queiroz, que por sua inexperiência com

produção de eventos, teve dificuldades para vender os ingressos aos que chegavam. Além disso, as outras bandas que iriam performar ao lado do *Sepultura* naquela noite, *Incubus* e *Sendero Luminoso* também chegaram e enfrentaram dificuldades com a produção, tendo parte da banda *Sendero Luminoso* dormido no teatro.

Parte das vendas de ingressos ficou a cargo de Guga Burckhardt, hoje artista visual e editor da fanzine *Acclamatur*, mas que na época do show integrava a banda *Sendero Luminoso* como vocalista e precisou pegar parte do que foi vendido dos ingressos para a alimentação do restante da banda.

Para além dessas questões de produção, houve também uma questão de limitação técnica que o local do show não podia suprir a princípio, mas que ao final deixou essa apresentação ainda mais única e especial para cena, o *underground* em sua forma mais pura. A bateria que foi solicitada por Iggor, já que seria inviável trazer a bateria do *Sepultura* por uma questão de logística, era muito maior do que qualquer instrumento que a cidade dispunha, pois os instrumentos disponíveis eram menores pois eram usados por grupos de forró.

A solução encontrada foi juntar quatro baterias menores, de alguns conhecidos de Wolney e de outras pessoas que tocavam na cidade, para formar uma que atendesse às necessidades de Iggor. Além da bateria, a aparelhagem de som era muito menor do que o necessário para um show como aquele, os amplificadores de palco também precisaram ser conseguidos através de empréstimos de pessoas próximas ao produtor do evento. Quanto a isso, Andreas Kisser, que se tornou o *Frontman*⁴ da banda após a saída de Max e Iggor, destaca “ Não tinha nada preparado, ele não tinha experiência nenhuma” (Gadelha, W., 2018, p. 202). Esse também foi o primeiro show de Andreas como guitarrista do *Sepultura*, substituindo Jairo Guedes. Andreas foi integrado à banda em abril daquele ano e o show em Caruaru fez a sua estreia e deu início a formação mais clássica da banda, juntamente com Paulo Xisto e os irmãos Cavallera.

Por ter sido realizado num teatro, e por ser um show de *death/thrash metal*, o ambiente era o mais caótico possível. A começar pela ausência de um palco propriamente dito, uma vez que apenas a bateria ficou na parte mais elevada, e o restantes dos músicos estava mais abaixo, no mesmo nível que o público. Também não houve nenhuma separação

⁴ Se refere a figura central da banda, aquele que representa a banda em entrevistas, e geralmente interage mais com o público nos shows.

entre o público e os músicos, o relato de Alexandre Morais no documentário **Pesado - Que Som É Esse Que Vem de Pernambuco?** destaca bem isso:

Esse canto aqui eu vi muita coisa acontecer aqui, nego cair aqui, sabe. Teve um maluco que se deitou aqui na minha frente, assistiu o show deitado aqui, entre um microfone e outro. Isso na atmosfera que tava. (2017, 37:36 min a 37:50 min)

Após esse show, Caruaru passou a figurar no mapa nacional do *heavy metal*, O impacto desse evento foi tão significativo que, em pouco tempo, começaram a surgir diversas produções na cidade, como novas bandas, gravações independentes, fanzines e festivais menores. Esse episódio marcou o início de uma nova e intensa movimentação cultural, que consolidava Caruaru como um pólo emergente do metal *underground* nordestino.

3. Quem Construiu a cena

O ano de 1987 não foi marcante apenas pelo show do *Sepultura*, ainda naquele ano foi inaugurada a segunda loja especializada da cidade, a MetalMorphose Skate Rock Shop(que na época se chamava apenas Metalmorphose). A loja funciona até os dias de hoje e é considerada a mais antiga loja voltada para o segmento de *rock* e metal do estado, com seus quase 40 anos de existência.

Um dos maiores fomentadores do *underground* caruaruense é sem dúvidas, Moises do Nascimento Silva, que já foi citado neste artigo, mas que neste tópico merece um destaque especial. Moisés conheceu o *rock* através de seu irmão, que ouvia discos do gênero, mas a princípio não gostou do som. Foi ao escutar o álbum *Fly to The Rainbow*(1975) da banda alemã *Scorpions*, que Moisés mudou de opinião e abriu os ouvidos para esse novo gênero que ascendia.(Bezerra et al, 2012)

Após ter desenvolvido um apreço pelo *rock*, Moisés começou a buscar novos sons, cada vez mais pesados. Dentre as novidades que foram descobertas por ele, vale destacar os precursores do gênero, o *Black Sabbath* com seu auto intitulado que inaugurou a música de peso na vida de Moisés. A paixão de Moisés pela música pesada só aumentava, e assim como a paixão, a coleção também ia ficando mais extensa.

O então entusiasta, foi apresentado a outro guru do *rock*, dessa vez o de Recife, Humberto Brito, uma figura emblemática e exótica que foi responsável pela iniciação musical de várias pessoas na capital pernambucana e de outras cidades no estado, que por sua vez iniciaram seus pares em seus respectivos municípios(Gadêlha, 2018, p. 69-70)..Foi o caso de Moisés, que ao descobrir o reduto de metaleiros na Rua da Matriz, número 97, passou a

comprar e vender discos usados em sua casa, que começou como um negócio informal entre seus amigos, e posteriormente evoluiu para um sebo⁵, que funcionou até o ano de 2006.

O guru caruaruense foi uma peça fundamental para a difusão do metal na cidade, ele tinha uma característica interessante em suas vendas; nunca mostrava apenas o que o “cliente” estava procurando, apresentava mais artistas semelhantes ao que era procurado. Para Moisés, o *rock* não deveria ficar restrito apenas às bandas conhecidas, como ele narrou no documentário **Pesado - Que Som É Esse Que Vem de Pernambuco?** :

Por exemplo: você ia atrás do *UFO*, eu mostrava mais dez bandas similares. Tu ia atrás do *Korzus* eu mostrava mais uns..., dizia : compra isso aqui pô, vamos conhencer. Por que se não o rock ia ficar reduzido ao quê? A só o conhecido *Metallica*, *Slayer*.(2017, 22:49 min a 23:03 min)

Infelizmente Moisés faleceu no dia 28 de setembro de 2023, deixando um legado importantíssimo para a cidade de Caruaru, sendo uma figura que marcou gerações de ouvintes e apreciadores de música de caruaru e de toda a região do agreste pernambucano. Kleber Gomes, pioneiro do metal extremo em caruaru, destaca a figura de Moisés como peça fundamental para a construção dessa cena.

Ele é o grande responsável por introduzir tanta cultura, tanta sabedoria, até os dias de hoje. Uma espécie de guru nosso, Os mais novos talvez não saibam, mas ele é uma pessoa de tamanha grandeza em relação à música, ao underground, ao metal.(Gadêlha, 2018, p. 57)

A primeira banda de metal de Caruaru surge no ano de 1988, e já pertence a um subgênero ainda mais pesado que o *heavy metal*. A banda *Storms* é o fruto de uma vontade de amigos que frequentavam as escolas mais tradicionais da cidade, o colégio Santo Antônio e o Colégio Diocesano de Caruaru. Esses ginásios foram de certa forma aglutinadores dos ouvintes de metal da época, e por serem muito próximos geograficamente, havia um intercâmbio entre os alunos.(Gadêlha, 2018, p. 79)

A banda foi a pioneira na produção de música pesada na cidade, que embora já houvesse outras bandas de música alternativa, essas eram voltadas para o *rock*. A *Storms* foi fortemente influenciada pelas bandas de *thrash metal* estadunidenses e alemãs, logo seu som era pesado e rápido, com técnicas de percussão em velocidades extremas.

⁵ Refere-se a um estabelecimento comercial, geralmente uma loja, que vende discos de vinil usados, bem como outros produtos como livros, revistas, CDs e DVDs de segunda mão.

A carreira da *Storms*, com o perdão do trocadilho, foi relâmpago, formada muito rapidamente, logo em seguida do show do *Sepultura* em maio de 1987, já em setembro de 1988 a banda figurava entre os nomes da cena *underground* do nordeste, e fez parte do primeiro Metalmorphose Festival (e único) ocorrido em 1988, que reuniu nomes do norte e nordeste brasileiro, seguindo a tradição da divulgação por cartazes, como mostra a figura a seguir:



Fotografia por: Diogo Gabriel Moura Oliveira, 14 de janeiro de 2025

Como foi dito, a ascensão da banda aos palcos foi bastante rápida, porém pouco duradoura, tendo encerrado suas atividades e iniciando um hiato em 1993. Quase 20 anos depois a *Storms* retoma a suas atividades, a banda nunca foi esquecida, nem pelo público e nem por seus idealizadores (Bezerra et al, 2012). Voltando aos palcos em 2011 durante o 4º Visions of Rock em Caruaru.

Um ponto interessante a se destacar nos cartazes que circulavam na época é suas características gráficas, fortemente influenciadas por uma estética *Do it yourself*, expressão do inglês que significa faça você mesmo. Essa estética é bastante predominante nas culturas *underground*, como no movimento punk, onde há uma grande valorização das expressões pessoais através da estética. A principal característica dessa estética é ser bastante artesanal, afinal são materiais feitos por você mesmo e geralmente priorizando o baixo custo. As

subculturas em sua maioria buscam desenvolver códigos visuais, que funcionam como formas de resistência ao contexto cultural dominante.(Hebdige, 2018)

Essa estética se torna evidente ao analisarmos os detalhes que compõem ambos os cartazes, o do show do *Sepultura* e o do Metalmorphose Festival. No primeiro pode-se destacar a tentativa de reproduzir a logo da banda, e o uso do preto e branco para conseguir uma rápida reprodução do material. Já no segundo, o peso do metal *underground* é mais evidente, com elementos mais ligados a estilos como o *thrash* e o *death metal*, isso fica perceptível com a representação de uma explosão nuclear emergindo de um mar de crânios humanos. Para além disso, também o uso de tinta vermelha e efeitos distorcidos na grafia tornam isso ainda mais pronunciado.

Logo em seguida a criação da *Storms* no ano de 1988, outra banda surgiu na cidade, em um gênero ainda mais extremo que o *thrash* pioneiro na cidade. No mesmo ano, a *Nekrófago* é fundada por Kleber Gomes, precursor do *death* e do *black metal* na cidade. Diferentemente dos membros da *Storms*, as influências para a *Nekrófago* eram brasileiras, os mineiros *Sarcófago* e *Sexthrash* eram as maiores delas.

Para além da sonoridade pesada do recém emergido *black metal*, a *Nekrófago* trouxe mais elementos para a cena caruaruense e nordestina. A estética para o metal é algo muito importante, por uma questão de não pertencimento e de aversão ao padrão instituído socialmente. Sendo assim, quanto mais agressivo é o seu visual, menos padronizado com o restante da sociedade você é, e por consequência, mais *underground* você é.

Dessa forma, a *Nekrófago*, com o intuito de chocar ainda mais, e por sua forte influência do *Sarcófago*, passaram a utilizar uma maquiagem pesada em suas apresentações. Segundo Kléber Gomes, guitarrista da banda na época, eles foram os primeiros músicos no nordeste a usar maquiagem nos shows(Gadêlha, 2018, p. 162). No segundo episódio da série de mini documentários intitulada **Metal Além da capital**, produzidos por Wilfred Gadêlha para compor a pesquisa pesquisa de mesmo nome e publicada em 2012, o guitarrista faz uma fala sobre a estética do metal na época:

Cara, ver Kerry King com aquele spike⁶, pô, como é que a gente vai adquirir isso? Couro, né ,tal. Pregos caibais⁷, papelão pintado de preto, enrolado com, com cordão preto. Mamãe é cabeleireira até hoje, aí a gente

⁶ Bracete de spikes é um acessório de couro com pontas metálicas, típico do visual metal.

⁷ Pregos caibais são grandes pregos de aço usados em construções de madeira pesada, como caibros e vigas.

pegava Kajal⁸ né? Não lembro se é isso né? Tinha um lapisinho específico pra não irritar o olho.(2012, 4:48 min a 5:10 min)

A estética é um ponto chave da música *underground* como um todo, seja no rap, no punk, no gótico e é claro no metal. A estética, entre outros fatores, faz parte da identidade desses grupos, e por se tratar de cultura *underground*, vai de encontro a tudo que é amplamente padronizado. O metal em específico, tem a prerrogativa de chocar e causar uma certa repulsa com seu visual.

Logo, quando o *Nekrófago* subia aos palcos com essa indumentária extrema, estavam levando não apenas sua música como também carregando a identidade headbanger consigo. O headbanger, principalmente no *underground*, sente a necessidade de se mostrar como membro de uma contracultura, do que é estranho ao olhar. O relato do jornalista Alexandre Yuri demonstra esse sentimento.

Fazíamos cara de mal para os jovens padronizados com suas roupas de marca – não despertávamos para o fato de também seguirmos um padrão. Nos encaminhávamos aos shows como quem vai receber um prêmio por um grande feito. Orgulhosos.(Gadêlha, 2018, p. 57)

A *Nekrófago* chegou a fazer shows, tendo estreado nos palcos em Jaboatão dos Guararapes, no clube Prazerinho. A vida da banda foi curta, encerrando as atividades pouco tempo depois, mas para Kléber, a vontade de fazer música ainda não tinha acabado. Em 1991, o mesmo Kleber fundou outra banda, desta vez voltada para outro subgênero, o *death metal*, e foi lançada a *Extreme Death*(Gadêlha, 2018, p. 163).

Com a *Extreme Death*, embora com uma nova roupagem e um som diferente, era na realidade uma continuação da *Nekrófago*(Gadêlha, 2018, p. 163). Assim como a banda anterior, a *Extreme Death* não foi duradoura, foram 4 anos fazendo música pesada, mas em 1995 a banda entrou em um hiato por uma década, voltando aos palcos em 2005(Bezerra et al, 2012), e desde então continua em plena atividade.

Outro ator de grande importância para a cena metal caruaruense em seus primórdios é Rayonato Vilanova, conhecido como Nato. Sempre foi influenciado pelo *rock* nacional, nato aos poucos foi conhecendo mais o som pesado, mas foi só após o primeiro Metalmorphose Festival que Nato sentiu que precisava produzir:

⁸ Kajal é um cosmético tradicional usado para delinear os olhos, feito originalmente à base de carvão vegetal.

A vida dá muitas voltas. Eu fui pra esse festival, saí de lá sabendo que era aquilo que eu queria pra mim. É impressionante, emociona porque você vai para um show, só como uma curiosidade, não curtia e sair de lá pensando “Eu quero montar uma banda, eu quero aprender a tocar um instrumento, eu quero fazer uma história com a galera” (Gadêlha, 2018, p. 155)

Pouco tempo depois, em 22 de julho de 1990 era fundada a *Psych Acid*, com um som mais voltado ao *thrash* e *death metal*, com Nato sendo o fundador e executando o desafiador papel de tocar bateria e ser responsável pelos vocais(Gadêlha, 2018, p.156) , papel esse que não era único na cidade, sendo também desempenhado por Alexandre Moraes da *Storms*.

A banda estreou fora das terras Pernambucanas, em Campina Grande, na Paraíba, em 1 de dezembro de 1990(Gadêlha, 2018, p.156). A banda foi a mais duradoura do que pode-se chamar de primeira geração pós- *Sepultura*, tendo encerrado suas atividades apenas em 1997. Porém, assim como os outros nomes dessa mesma geração, a *Psych Acid*, retorna aos palcos em 2009, com apenas Nato remanescente da formação original. Em 2013 a banda lança seu primeiro CD: *Disturbance Without Control*. (Gadêlha, 2018, p. 157)

Um ponto em comum com todas essas bandas que deram base a todas as seguintes que surgiram na cidade posteriormente, é que embora tenham sua influência majoritariamente em artistas internacionais, e no início de sua carreira executassem covers, sempre tiveram a ânsia de produzir material autoral. “Um produto underground é quase sempre definido como obra autêntica, produto não-comercial”. (Filho, 2008).

Contudo, Nato expandiu seus horizontes como membro da cena *underground* de Caruaru, sendo além de um músico convencional, tendo desenvolvido diferentes projetos além da *Psych Acid*, como por exemplo a *Cachorro da Duença* com um violento Grindcore, e também em um trio de forró “pé de serra”⁹, o *Trio Caruru*.

Além disso, Nato também foi um importante fomentador da cena nos anos 1990, sendo proprietário do primeiro bar especializado em *rock* e metal da cidade, o Rock Bar, tendo durado apenas um ano. Em 2003 Nato abriu outro bar, o Templo do Rock, que durou novamente apenas um ano. (Bezerra et al, 2012)

⁹ Forró autêntico, geralmente sendo executado com acordeon(Sanfona), zabumba e triângulo.

4. Conclusão

O artigo buscou evidenciar como o surgimento e a manutenção dessa cena *underground* se deram a partir da articulação de diversos elementos culturais, sociais e subjetivos, incluindo a atuação de bandas, zines, eventos e do público engajado. Ao contrário de uma visão homogênea da cultura local, o estudo revela que há múltiplas formas de vivenciar e produzir cultura, mesmo em espaços considerados periféricos dentro da lógica dominante do mercado musical.

Como um membro e participante ativo dessa rica cena *underground*, essa pesquisa me permitiu conhecer ainda mais sobre as origens do som pesado na minha cidade de origem. Quando comecei a frequentar os ambientes da cena, que embora tenham mudado ao longo dos anos, as pessoas sempre acompanharam esses deslocamentos, então as figuras que foram citadas ao longo do texto, são rostos conhecidos por mim. Ver essas pessoas ainda presentes na cena, compartilhando conhecimento e experiências, apresentando outras pessoas mais jovens a essa cena, foi algo que me despertou a curiosidade de saber como tudo começou.

Além disso, é interessante observar como a dinamicidade da cena é bastante resistente, pois mesmo que por alguns momentos passe por uma escassez, com o hiato de bandas, ela nunca desapareceu, e creio que nem vá, irá sempre se renovar. Após o recorte que foi abordado no artigo, a cena cresceu ainda mais, surgiram mais bandas, a cena serviu de referência para várias outras, como a de Surubim, outra cidade do agreste pernambucano.

Por fim, é interessante ver como um movimento, que surgiu como um anseio de, um grupo de jovens, em uma cidade do interior de pernambucano, conseguiu mobilizar coletivamente a vinda da arte pesada para um lugar marcado e reconhecido pelo forte apelo da cultura popular local. O desdobramento dessa coletividade *underground* foi consolidar um pólo de consumo e produção de música, identidade e cultura *underground*, que é berço, e exportador de uma arte pouco comercial.

Atualmente, essa cena se encontra dem bastante efervescência, com o bar Metal Beer sendo o ponto de encontro da juventude alternativa da cidade, promovendo eventos para um público diverso, mas que acaba dividindo o mesmo espaço, sejam punks, headbangers, roqueiros, ou quem quiser chegar.

Referências:

BEZERRA, Amílcar Almeida; FERREIRA, Daniela Maria Ferreira; LA BARRE, Jorge de; GADELHA, Wilfred. **Metal além da Capital: música pesada no Interior de Pernambuco**. Relatório Final do Projeto de Pesquisa Cultural no 346/11, novembro de 2012 . Fundarpe, Funcultura.

BRASIL. Ministério da Cultura / IPHAN. **Repente é registrado como Patrimônio Cultural do Brasil**. Publicado em 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/repente-e-registrado-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 21 de maio 2025

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Segunda edição revista e ampliada. Tradução: Sergio Goes de Paula. Zahar, Grupo Companhia das Letras. São Paulo. 2004.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri (2006), “**Esses camaleões vestidos de noite: uma etnografia do underground Heavy Metal**”. Sociedade em Estudos, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 37-50.

CHRISTIE, Ian. **Heavy Metal: A História Completa**. São Paulo: Editora Aleph, 2013.

FILHO, Jorge Luiz Cunha Cardoso. **Música popular massiva na perspectiva midiática: estratégias de agenciamento e configuração empregadas no heavy metal**. Salvador, 2008.

GADÊLHA, Wilfred. **PEsado: Origem e consolidação do metal em pernambuco**. 2. ed. rev. e aum. Recife-PE: CEPE, 2018. 335 p. ISBN 978-85-7858-624-9.

HEBDIGE, Dick. **Subcultura: o significado do estilo**. Tradução Paula Guerra e Pedro Quintela. Lisboa: Maldoror, 2018

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). "Feira de Caruaru é revalidada como Patrimônio Cultural do Brasil." Brasília, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/quatro-bens-sao-revalidados-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em 21 de maio de 2025

Referências em Vídeo :

METAL além da capital - episódio 1. Direção: Wilfred Gadêlha. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8jl_WJZtGAs&t=390s&ab_channel=WilfredGad%C3%A1lha. Acesso em: 10 abr. 2025.

PESADO - Que Som É Esse Que Vem de Pernambuco?. Direção: Leo Crivellare. Produção: Luiz Barbosa e Carol Ferreira. Roteiro: Wilfred Gadêlha. Fotografia de Mariano Mestre. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gc_KmLUJv_c&t=1647s&ab_channel=WilfredGadêlha. Acesso em: 19 dez. 2024.

METAL além da capital - episódio 2. Direção: Wilfred Gadêlha. [S. l.: s. n.], 2012.

Disponível

em: https://www.youtube.com/watch?v=GLwUgiCpG3o&t=895s&ab_channel=WilfredGad%C3%AAlha. Acesso em: 10 abr. 2025.

Submissões

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso. Acesso em uma conta existente ou Registrar uma nova conta.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".

O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.

URLs para as referências foram informadas quando possível.

O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em >Diretrizes para Autores, na página Sobre a Revista.

Diretrizes para Autores

As submissões enviadas à Revista Rural Urbano devem seguir as seguintes diretrizes:

- Os textos submetidos à Revista Rural & Urbano serão avaliados pelos membros seguindo sistema de avaliação às cegas, reservando-se à Comissão Editorial o direito de aprovar totalmente, aprovar com ressalvas ou recusar a submissão. No caso de aprovação com ressalvas os textos serão devolvidos aos autores para que eles realizem as correções sugeridas pelos referidos avaliadores. Em caso de parecer conflitante, os editores solicitarão um terceiro parecer para dirimir a divergência;
- A revista receberá textos em português, inglês, espanhol e alemão;
- A revista aceitará textos que se enquadrem ao [escopo](#) da revista;
- O artigo submetido deve possuir no máximo 1 autor e dois coautores.
- A revista não publica mais de um artigo do mesmo autor na mesma edição.
- Solicita-se que seja usado o *template* disponível [AQUI](#) para a construção dos textos a serem submetidos. Caso o artigo não esteja de acordo com o *template* da Revista ele será devolvido aos autores.

- Os textos devem ter de 15 a 20 páginas (incluindo referências bibliográficas, notas, tabelas, gráficos e ilustrações)
- O artigo deverá conter título em português e em inglês obrigatoriamente;
- Pede-se que os autores excluam do texto seus nomes, bem como seus endereços postais e eletrônicos, e/ou qualquer informação de vínculo institucional, inclusive no registro do documento do Word, caso contrário o artigo não seguirá para avaliação;
- Os textos devem ter resumo de até 200 palavras, em espaçamento simples e sem recuo de parágrafo. Deve conter de três até cinco palavras-chave em português e em inglês obrigatoriamente, e em letra minúscula, com exceção para siglas e nomes próprios;
- Para textos em língua estrangeira, obrigatoriamente ter título, resumo e palavras-chaves em português e em inglês;
- Devem ser submetidos arquivos em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF, com espaçamento 1,5 entre linhas, letra Times New Roman corpo 12 e notas de rodapé em corpo 10 e em papel A4, com margens superior 3 cm e direita 2 cm, esquerda 3 cm e inferior 2 cm. As citações diretas devem ter fonte Times New Roman corpo 11 e espaçamento simples.
- O Título do artigo deve ser fonte 24, estar todo em negrito e apenas a primeira letra maiúscula (salvo a inicial de nomes próprios e siglas), e centralizado. O título em inglês deve ser Times New Roman 12, apenas a primeira letra maiúscula (salvo a inicial de nomes próprios e siglas), e centralizado;
- Os subtítulos ou tópicos ao longo do texto (ex: Introdução, Considerações finais etc) devem ser fonte 12, recuado à esquerda, em negrito e com a primeira letra em maiúsculo. Atenção! Não criar secções no documento do Word.
- O início de cada parágrafo deve ter o recuo a partir da margem esquerda de 1,25 cm. Não usar espaços entre os parágrafos. Para tal, configure o espaçamento do layout da página com "0 pt" antes e depois;
- Tabelas, figuras, gráficos e fotografias devem ter no mínimo, em casos de imagens, 300 dpi de resolução, em cores ou preto e branco. Além de inseridas centralizadas no texto com chamadas segundo ordem numérica, devem ter o título explicativos acima com fonte Times New Roman corpo 12 e a indicação de autor e/ou fonte na parte inferior com fonte Times New Roman corpo 10. Estes elementos devem ter uma chamada ao longo do corpo do texto. Não inserir estes elementos anexos no final do texto, Caso estes tenham sido elaborado pelo autor, escrever "Autoria Própria" e o ano da elaboração, pois o autor não deve ser identificado ao longo do texto;
- As citações textuais diretas de menos de três linhas deverão aparecer no decorrer do texto e entre aspas, fonte igual ao texto, e entre parênteses o nome do autor com apenas a primeira letra maiúscula, ano da obra e página. Ex: (Silva, M., 2024, p.10)
- As citações textuais diretas com mais de três linhas deverão ser destacadas do parágrafo, com recuo de 4cm, sem aspas, sem itálicos, com fonte Times New Roman corpo 11, espaçamento interlinear simples, justificado. A referência deve estar a seguir constando entre parênteses o nome do autor com apenas a primeira letra maiúscula, ano da obra e página, Ex: (Silva, M., 2024, p. 10). As citações em idioma estrangeiro devem conter tradução em nota de rodapé;

- As notas, organizadas por números, devem ser colocadas no final da página correspondente. Elas deverão ter cunho explicativo e serem imprescindíveis. Não inserir referência bibliográfica na nota de rodapé;

- As referências ao final do texto são obrigatórias e restritas aos autores, documentos, páginas da internet etc. referenciados no corpo do texto. Elas deverão ser listadas em ordem alfabética, e separadas por espaço de uma linha. No caso de referência de mesmo autor, o nome deste deve ser repetido, e NÃO ser substituído por um traço. Seguir rigorosamente a [NBR 6023/2018 da ABNT](#);

Atenção! No submissão dos artigos é indispensável o preenchimento completo dos METADADOS, como título e resumo em português e inglês, palavras chave em português e inglês, separadas e em letra minúscula. Inserir as referências idênticas às do texto, separadas por uma linha. Inserir filiação (Universidade, Instituto etc.), cidade e estado. Inserir o [ORCID](#).

Também é necessário que o autor/ a autora brasileiro/a possua currículo LATTES atualizado.

O processo de submissão é inteiramente isento de taxas para publicações das diversas modalidades. Assim como o acesso a todo o seu conteúdo é inteiramente gratuito. A revista Rural & Urbano procura cumprir o prazo de até 4 meses entre o envio dos originais e a sua aprovação.

Artigos

Artigos com base em pesquisas concluídas ou em andamento, que versem sobre o urbano e rural, desenvolvidas nas áreas de História, Geografia, Sociologia, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Planejamento Urbano e Regional, Serviço Social e Educação.

Resenhas

Resumo comentado de obras e textos teóricos autorais, podendo se estender até 10 páginas

Resultados de Pesquisas

Nesta seção devem ser apresentados resultados de pesquisas científicas concluídas.

Relato de Experiência

Relatos de trabalhos de campo de atividades desenvolvidas durante processos de pesquisa relacionados com o campo, a cidade, o rural e/ou urbano. Esses relatos devem ter um viés analítico.

Dossiê VI Sinarub

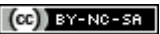
Artigos Aceitos para Publicação VI SINARUB 2020

Dossiê Especial - Recife: Repensando a MetrÓpole

Esse dossiê é exclusivo para os artigos selecionados no I Simpósio de Estudos sobre o Recife, realizado em março de 2023.

Declaração de Direito Autoral

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- a) Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](#) , que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.
- b) Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- c) Autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.